

Freud e Skinner nas trilhas de Darwin

Rodrigo Barbosa Nascimento¹ Orcid: 0000-0003-0445-1514.

RESUMO. Em 1859, Darwin publicou A Origem Das Espécies e proporcionou uma das maiores revoluções científicas da história. O seu feito atingiu caminhos mais extensos que o âmbito da biologia, alcançando, sobretudo, a psicologia e duas das principais figuras dessa ciência: Sigmund Freud e B.F Skinner. A partir disso, este estudo objetivou apresentar brevemente algumas das influências de Charles Darwin e do evolucionismo sobre a formação teórica de ambos os autores, em especial na construção de seus extensos arcabouços teóricos. Portanto, para atingir o objetivo, a discussão foi dividida em dois pontos centrais: 1) a relação entre Darwin e Freud e a segunda entre 2) Darwin e Skinner. Tornou-se possível perceber que a relação de ambos os autores com Darwin foi caracterizada da seguinte forma: no primeiro, presente na sua formação acadêmica e na construção de seu arcabouço teórico a partir das noções de conflito, adaptação e da perspectiva histórico-evolutiva, sem o uso evidente do conceito de seleção natural. No segundo, pode-se dizer que foi centro do raciocínio tanto para a formação acadêmica e da filosofia do behaviorismo radical quanto para a teoria propriamente dita. Neste, seu uso teórico centrou-se nas noções de adaptação, perspectiva histórico-evolutiva, variação e, principalmente, na seleção natural. Conclui-se, portanto, a evidente contribuição de Darwin para ambos os autores, perceptível também em suas ideias da ontogênese e filogênese, não obstante suas diferenças de compreensão e uso, assim como suas divergências teóricas.

Palavras-chave: Behaviorismo Radical. B.F Skinner. Charles Darwin. Psicanálise. Sigmund Freud.

Freud and Skinner in Darwin ways

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Escola de Ciências da Saúde e Bem-estar da Universidade Salvador – Laureate International Universities (UNIFACS), Feira de Santana – BA. Graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: nascimentoag@gmail.com.

ABSTRACT. In 1859, Darwin published *The Origin of Species* and brought about one of the greatest scientific revolutions in history. His achievement reached more extensive paths than the scope of biology, reaching, above all, psychology and two of the main figures in this science: Sigmund Freud and B.F Skinner. From this, this study aimed to briefly present some of the influences of Charles Darwin and evolutionism on the theoretical formation of both authors, especially in the construction of their extensive theoretical frameworks. Therefore, to achieve the goal, the discussion was divided into two central points: 1) the relationship between Darwin and Freud and the second between 2) Darwin and Skinner. It became possible to see that the relationship of both authors with Darwin was characterized as follows: in the first, present in their academic training and in the construction of their theoretical framework from the notions of conflict, adaptation and the historical-evolutionary perspective, without the obvious use of the concept of natural selection. In the second, it can be said that it was the center of reasoning both for the academic formation and philosophy of radical behaviorism as for the theory itself. In this, its theoretical use focused on the notions of adaptation, historical-evolutionary perspective, variation and, mainly, on natural selection. It concludes, therefore, the evident contribution of Darwin to both authors, noticeable also in his ideas of ontogenesis and phylogenesis, despite their differences in understanding and use, as well as their theoretical divergences.

Keywords: B.F Skinner. Charles Darwin. Psychoanalysis. Radical Behaviorism. Sigmund Freud.

Darwin, sempre Darwin

O título desse trabalho é no mínimo tendencioso. Em uma rápida olhada, é possível que traga a sensação que o propósito inicial da produção desse texto é apresentar pontos de associação entre a teoria psicanalítica de Sigmund Freud e o arcabouço teórico behaviorista desenvolvido por B.F Skinner. No entanto, embora possa ser chamado de ponto de interseção, a proposta aqui desenvolvida por mim objetiva apenas a demarcação de um lugar específico em que os dois célebres autores se encontram, o espectro de Charles Darwin.

A tentativa de mostrar e fazer menção ao que aqui denominamos espectro de Darwin nos direciona a dois pontos iniciais: a influência do evolucionista sobre a biologia

e os limites transcendidos por sua teoria, especialmente no que se refere ao campo da psicologia.

Em 1859, Darwin publicou *A Origem Das Espécies*, no qual demonstrou como as espécies evoluíam através do processo denominado seleção natural, entendida como a “[...] preservação das diferenças e das variações favoráveis aos indivíduos, e destruição das prejudiciais” (Darwin, 2009, p. 86). Sendo assim, de acordo com Darwin, na natureza existe uma competição pela sobrevivência em que os indivíduos melhor adaptados às exigências do ambiente perduram. Assim, os caracteres morfológicos, estruturais e comportamentais adquiridos através das variações ocorridas, sobretudo a partir da perspectiva adaptativa e funcional², são repassados por herança à prole. Para além da seleção natural, Darwin ainda apresentou um outro processo, a seleção sexual, em que os indivíduos com características específicas têm maior probabilidade de ser escolhido por certos parceiros sexuais com objetivo da procriação.

Desta forma, tornando-se uma representação de “uma verdadeira revolução científica de primeira ordem” (Buican, 1990, p. 46, há de se afirmar que Darwin proporcionou através de sua teoria novas possibilidades para o entendimento acerca dos animais e dos seres humanos.

Segundo Lorenz (2009), as consequências de seu conhecimento alcançaram distâncias enormes em diferentes direções. Portanto, a revolução científica apontada por Buican classifica perfeitamente a importância de Darwin. Para além das novas possibilidades que se abriram no campo da biologia após a publicação da *Origem*, a influência do evolucionista alcançou o campo da agricultura, medicina e principalmente (para nosso intuito) o da psicologia, diz Rose (2000).

Apresentando aqui, de maneira sucinta, sobre a psicologia, conforme exposto por Goodwin (2005), Darwin contribuiu para o surgimento do movimento funcionalista na psicologia a partir do americano William James, assim como para o crescente interesse na psicologia comparada e no estudo sistemático das diferenças individuais.³

² Segundo Darwin (2009), há caracteres desvantajosos que também podem ser passados a diante por outros motivos, aqui não mencionados.

³ Para além disso, outras obras publicadas por Darwin como *A descendência do homem e a seleção sexual* (1871) e *A expressão das emoções e nos animais* (1872) também foram

Contudo, há outro caminho para a compreensão do espectro de Darwin no âmbito da psicologia: a influência do evolucionista sobre as grandes figuras da psicologia. Já mencionados, é claro que tanto Wundt quanto James também fizeram parte desses grandes personagens. Entretanto, aqueles que quero mencionar são: Sigmund Freud e B.F Skinner. O primeiro, conhecido por fundar a psicanálise, e o segundo por revolucionar a filosofia behaviorista, em outras palavras, por propor uma ciência do comportamento.

Sendo assim, através desse caminho sugerido, o presente estudo objetiva apresentar, de maneira breve, algumas das influências de Charles Darwin e do evolucionismo sobre a formação teórica das duas principais figuras da psicologia, Sigmund Freud e B.F Skinner, sobretudo na construção de seus extensos arcabouços teóricos. Para tal, a exposição dessa influência será dividida em dois momentos: o primeiro acerca da influência de Darwin sobre o psicanalista e o segundo acerca de sua influência sobre o behaviorista e, por fim, caminhos também serão traçados e apontados em um último momento.

Darwin e Freud

De acordo com Simanke (2009), a influência de Darwin sobre Freud pode ter sido em um nível muito maior do que é comumente reconhecido na literatura. A sua influência transcendeu o campo estrito da teoria e atingiu a formação científica e pessoal do psicanalista (Ritvo, 1992). Nessa perspectiva, a presença de Darwin na vida de Freud caminha por dois pontos cruciais: a sua formação acadêmica e a construção de seu arcabouço teórico.

A evidente presença de Darwin nas obras de Freud demarca o trajeto de um médico com claras inclinações evolucionistas e darwinistas. Através das contribuições de Ritvo (1992) essa discussão tornou-se mais clara. Com base em suas pesquisas, Ritvo (1963) encontrou mais de vinte e sete referências a Darwin nos textos de Freud. Para além disso, revelou uma profunda inserção da biologia darwinista desde os primeiros anos de sua formação acadêmica.

importantes para os estudos e o desenvolvimento da psicologia. Um exemplo disso, é as referências feitas por Wundt em alguns de seus livros.

Contudo, é a partir das contribuições de Ferreti (2013) ao analisar as referências do evolucionista na obra de Freud, que se tornou possível perceber como Freud buscou em Darwin não apenas um recurso teórico para suas indagações e reflexões teóricas, mas um modelo de teorizar; conferindo, sobretudo, um “modo de pensar sobriamente darwiniano” (Freud, 2010, p. 229).

Todo esse movimento inicia-se antes mesmo da entrada de Freud no âmbito da medicina. No trecho de seu Estudo Autobiográfico, Freud diz ter sido “[...] enormemente atraído pela teoria de Darwin, então em voga, pois ela prometia um extraordinário avanço na compreensão do mundo” (Freud, 2011c, p. 78); fato esse que também influenciou a sua entrada no curso de medicina.

Em outra medida, a vida de Freud também coincidiu com a popularização das ideias darwinianas acerca da evolução das espécies (Ritvo, 1974). No alcance a Freud, Ernest Haeckel foi o responsável por tornar isso possível, sobretudo através de suas exposições teóricas também de cunho darwinista, até mesmo pretendendo “ser mais darwiniano que o próprio Darwin” (Assoun, 1983, p. 218).

É, então, a partir das contribuições e divulgações de Haeckel que Darwin chega a Freud de maneira mais acessível; acrescenta Assoun (1983, p. 218):

Haeckel não foi simplesmente um dos que mais difundiram o darwinismo, mas consumou o casamento da teoria de Darwin com a ciência e com a epistemologia de seu tempo. Correlativamente, ele contribuiu mais do que ninguém para o uso de Darwin como referente histórico e ideológico. Finalmente, é nele que encontramos definido e codificado o uso da sequência Copérnico-darwiniana de que Freud, entre outros, se tornará o usuário.

Após o período que antecede a sua entrada na escola de medicina em Viena, aos 17 anos, Freud teve contato com um professor particularmente central em sua caminhada evolucionista: Carl Friedrich Claus (1835-1899), zoólogo alemão e responsável pelo departamento de zoologia da instituição (Gay, 2012).

Em um artigo publicado por Ritvo (1912), a autora enfatiza a presença de Claus sobre toda a orientação evolutiva de Freud na ciência. De acordo com a pesquisadora, há uma consistência no raciocínio e visão empregados por Darwin, Claus e Freud acerca dos aspectos teóricos controversos da biologia darwiniana da época.

Assim, nas linhas e formações desse raciocínio darwiniano em Freud, é que o psicanalista passa a demarcar os campos teóricos em que o evolucionista inglês deve aparecer.

Após a fundação da psicanálise, grandes perguntas acerca do objeto de investigação do saber psicanalítico, bem como quais critérios deveriam ser levados em consideração para tornar-se um psicanalista eram feitas. Curiosamente, Darwin está e é presente em ambas as questões.

Tomando como ponto de partida a segunda, a formação do analista deveria cumprir certos requisitos teóricos ao objetivar sua completude. Obviamente que Freud não demarcou apenas um saber em específico, mas curiosamente deu lugar à perspectiva darwiniana em uma de suas recomendações, ao mencionar que “o conteúdo programático para o analista [...] precisa abarcar o conteúdo das Ciências Humanas, conteúdo psicológico-cultural e sociológico quanto o anatômico biológico e histórico-evolutivo” (Freud, 2019, pp. 292-293).

Agora, retomando à primeira questão, dentre as perspectivas darwinianas que compõem os textos de Freud estão: 1) a noção de conflito; 2) adaptação; e 3) a perspectiva da história evolutiva. As três noções citadas estão, evidentemente, apresentadas em *A Origem das Espécies* e fazem parte da visão central do pensamento darwiniano. As noções de conflito e adaptação nos sugerem e emergem a partir da luta pela existência. Segundo Darwin (2009), a Luta pela existência perpassa sobre dois critérios: um faz jus à sua relação intrínseca com a seleção natural, isto é, na produção de novas variações e suas relações com a adaptação. E o segundo, em complemento ao primeiro, a dependência de um organismo relativamente ao outro, abrangendo não apenas a vida do organismo, mas também o seu sucesso na procriação.

Por causa desta luta, as variações, por mais subtis que sejam e seja qual for a sua causa, desde que sejam úteis para os indivíduos de uma espécie (nas suas relações infinitamente complexas com os outros seres vivos e com as condições físicas de vida), tendem a contribuir para a preservação desses indivíduos, e serão geralmente herdadas pelos seus descendentes. Estes terão, conseqüentemente, mais hipóteses de sobreviver, pois, dos muitos indivíduos de uma espécie que nascem periodicamente, apenas um pequeno número pode sobreviver (Darwin, 2009, p. 71-72).

E, assim, as concepções darwinianas em uma espécie de deslocamento teórico, bem como de pensamento, tomaram corpo na obra de Freud, ou melhor, a onipresença da

ideia de conflito na obra freudiana permaneceu básica para toda a sua vida. Segundo Ritvo (1992, p. 85) “Freud considerava não apenas que os sintomas neuróticos são baseados em conflitos patogênicos, mas também os conflitos são o núcleo essencial da personalidade humana normal”.

Utilizando de outros exemplos, em Estudo sobre a Histeria (1895), Freud considerou a aplicação desses princípios ao considerar que a gênese da sintomatologia histérica fazia jus ou era resultado do conflito entre o desejo e a consciência; topologicamente falando, entre o inconsciente e o consciente. Portanto, o conflito estava intrínseco à existência do consciente e o inconsciente, entre as forças pulsionais e o ego.

Igualmente, o raciocínio encontra-se presente na segunda topologia freudiana, a do Ego, Id e o Super ego (Freud, 2011b), em que o Ego se torna, enquanto função, um órgão adaptativo que objetiva mediar ou evitar os conflitos intrapsíquicos — entre duas ou mais dessas estruturas — e extrapsíquicos, portanto, entre essas estruturas e o ambiente (Ritvo, 1992).⁴

Enfim, a perspectiva da história evolutiva também apresentou demasiada presença na obra freudiana. Freud atribuiu à história a compreensão da origem dos sintomas e estados psicológicos. A exemplo disto, o trecho a seguir realça esse recurso a filogênese (história evolutiva):

Com suas medidas, o hipnotizador desperta no sujeito uma porção arcaica deste, a qual também se harmonizou com os pais e na relação com o pai experimentou uma revivescência individual, a ideia de uma personalidade muito potente e perigosa, ante a qual só se podia ter uma atitude passiva-masquista, à qual a vontade tinha que se render, parecendo uma arriscada empresa estar a sós com ela, “cair-lhe sob os olhos”. Apenas assim, aproximadamente, nos é dado imaginar a relação de um indivíduo da horda primeva com o pai primordial (Freud, 2011a, p. 91)

Cabe pontuar aqui que o raciocínio freudiano acerca da remontada à filogênese, ora citada e referenciada como horda primeva, noção esta construída através das consultas aos textos do evolucionista inglês, também faz jus as raízes evolucionistas e darwinianas dos escritos freudianos. Nas palavras de Roudinesco, as construções acerca da horda

⁴ Uma vez que o texto envolve argumentos biológicos, se torna necessário pontuar que a expressão “órgão adaptativo” não se refere ao sentido estrito da palavra, sobretudo ao considerarmos que o aparelho psíquico não é um órgão propriamente dito.

[v.2, n.1] Jan./Jun.2021

primal freudiana é um “devaneio darwiniano sobre a origem da humanidade” (Roudinesco, 1998, p. 757).

Apresentada em Totem e Tabu (1913), a horda primal freudiana é conjecturada a partir de três momentos específicos. A primeira parte da afirmativa de que em “tempos primordiais o homem primitivo vivia em pequenas hordas, cada um sob o comando de um macho forte” (Freud, 2018, p. 114), de um pai da horda que exercia sua supremacia (controle) através da violência. Sendo assim, todas as fêmeas eram parte de seu domínio, sejam elas de sua própria horda ou roubadas de outras (Freud, 2018), isto é, ao pertencer à horda do pai, apenas o macho alfa possuía direito sobre elas e qualquer outro macho que objetivasse se apoderar das fêmeas do pai “eram abatidos, castrados ou banidos” (Freud, 2018, p. 115).

Em um segundo momento, todavia, o sistema liderado por um pai da horda conjectura uma rebelião em que os filhos se unem contra o pai para dominá-lo e devorá-lo (Freud, 2012).

Assim, no terceiro momento, segundo (Freud, 2018, p. 115), estabelece-se que

O passo seguinte e decisivo para mudar esse primeiro tipo de organização “social” deve ter sido que os irmãos expulsos, que viviam em comunidade, se reuniram para subjugar o pai e devorá-lo cru, conforme o costume daqueles tempos. Esse canibalismo não deve nos chocar, ele prosseguiu longamente em épocas posteriores. O essencial é que atribuímos a esses homens primevos as mesmas atitudes emocionais que podemos verificar nos primitivos da atualidade — nossas crianças — mediante a pesquisa psicanalítica. Ou seja, que não apenas odiavam e temiam o pai, mas também o adoravam como modelo, e cada um deles queria, na realidade, tomar o seu lugar. O ato canibal se torna compreensível, então, como tentativa de assegurar a identificação com ele pela incorporação de um pedaço dele

Posto isso, Freud concluiu que,

A Primeira forma de organização social surgiu com a renúncia instintual, o reconhecimento de obrigações mútuas, o estabelecimento de instituições ditas invioláveis (sagradas), ou seja, os primórdios da moral e do direito. Cada indivíduo renunciou ao ideal de conquistar a posição do pai, à posse da mãe e das irmãs. Com isso, iniciou-se o tabu do incesto e o mandamento da exogamia [...] A recordação do pai prosseguiu nessa época de “aliança dos irmãos”. Para substituto do pai foi encontrado um animal forte, que talvez fosse também temido inicialmente. Tal escolha pode nos parecer estranha, mas não havia, para os primitivos, o hiato que depois o ser humano estabeleceu entre si e os animais, e tampouco existe para nossas crianças, cujas fobias de animais podemos explicar como medo do pai. Na relação com o animal totêmico se mantinha plenamente a original dicotomia (ambivalência)

do laço afetivo com o pai. O totem era visto, por um lado, como ancestral de sangue e espírito protetor do clã, tinha de ser venerado e poupada; por outro lado, institui-se um dia de festa em que lhe davam o mesmo destino que tivera o pai primordial. Era abatido e devorado conjuntamente por todos os camaradas (a refeição totêmica, conforme Robertson Smith). Esse grande dia festivo era, na realidade, uma comemoração do triunfo sobre o pai obtido pelos filhos aliados (Freud, 2018, pp. 116-17, grifos do autor).

É, então, a partir dessas breves colocações, que os caminhos darwinianos seguidos por Freud são iluminados. As duas primeiras percepções acerca das noções de conflito e adaptação brevemente apresentadas categorizam uma perspectiva intrínseca à construção do raciocínio freudiano. Já a última é a construção de seu raciocínio que enfatiza a história evolutiva como parte da construção da humanidade, sobretudo em seu âmbito psíquico; melhor dizendo, não apenas a construção, mas a onipresença dos fatores históricos evolutivos no homem dito civilizado.

Darwin e Skinner

Em resposta ao behaviorismo metodológico, B.F Skinner fundou o behaviorismo radical, rejeitando as interseções mentais da ciência psicológica da época, dando luz a questões como o comportamento, a liberdade e a cultura poderiam ser compreendidos através do modelo de seleção por consequências.

Tal como a psicanálise, a teoria do psicólogo norte americano não foge à regra; portanto, na construção de seu arcabouço teórico teceu referências a Charles Darwin e sua teoria. A compreensão dessa relação se dá em dois âmbitos: o primeiro enquanto recurso estritamente teórico, assim, utilizando de conceitos como o de variação e seleção; e o segundo enquanto a posição de crítica que sua teoria ocupa, neste caso, critica a crença mentalista.

Segundo Laurenti (2009), a influência de Darwin sobre Skinner torna-se clara ao observarmos o modelo de explicação behaviorista radical supracitado, a seleção por consequências. De acordo com Skinner, sob o ângulo dessa explicação, o comportamento é compreendido como resultado do processo de seleção por consequências sobre as ditas variações comportamentais (Skinner, 2007). Sendo assim, conforme explica Laurenti (2009), a ótica skinneriana traz compreensão acerca da origem e evolução do comportamento dentro do parâmetro da tríplice contingência.

Esse modelo explica a origem e evolução do comportamento seguindo uma estrutura chamada tríplice contingência, que especifica um

conjunto de condições antecedentes, respostas e consequências. Nessa perspectiva, um novo comportamento é gerado quando, diante de condições específicas, respostas (variações) são selecionadas pelas consequências que produzem (Laurenti, 2009, p. 252)

Portanto, o modelo de seleção por consequência faz jus às características do modelo de seleção natural. Contudo, não obstante essa explicitação venha a ser coerente, ainda sobram dúvidas acerca do entendimento desses processos para a demarcação da presença do evolucionista inglês nos textos do behaviorista.

Assim, tomando como pontapé inicial, já descrita brevemente nesse texto, a seleção natural age na preservação das diferenças e das variações consideradas funcionais ao organismo e na destruição das prejudiciais (Darwin, 2009).

Neste sentido, o papel da variação na produção de novas espécies torna-se central. De acordo com Darwin, na denominada luta pela sobrevivência, os organismos que apresentam variações mais favoráveis às exigências do ambiente possuem maiores chances de sobrevivência, sobretudo em contraste com aquelas variações menos favoráveis. Logo, esses organismos com essas variações favoráveis, portanto vantajosas, são os que possuem maiores chances de deixarem descendentes.

Pode ainda perguntar-se como é que as variedades, a que eu chamei de espécies incipientes, acabaram por se transformar em espécies verdadeiras e distintas – que, na maior parte dos casos, diferem umas das outras de forma evidente, muito mais que o que diferem entre si as variedades de uma mesma espécie. Como surgem esses grupos de espécies, que constituem o que se chama de géneros distintos, e que diferem entre si mais do que as espécies do mesmo género? Todos estes factos [...] resultam da luta pela sobrevivência. Por causa desta luta, *as variações*, por mais sultis que sejam e seja qual for a sua causa, desde que sejam úteis para os indivíduos de uma espécie (nas suas *relações infinitamente complexas com os outros seres vivos e com as condições físicas de vida*), tendem a contribuir para a preservação desses indivíduos, e serão geralmente herdadas pelos seus descendentes. Estes terão, conseqüentemente, mais hipóteses de sobreviver, pois, dos muitos indivíduos de uma espécie que nascem periodicamente, apenas um pequeno número pode sobreviver. A este princípio, segundo o qual *mesmo uma variação ligeira se conserva e se perpetua* desde que seja útil ao indivíduo, dei o nome de *selecção natural* [...] (Darwin, 2009, pp. 71-72, grifo dos autores).

Na linha de raciocínio do evolucionista, ou seja, compreendendo as noções de variação, do papel do ambiente e da seleção natural⁵, Skinner construiu seu a sua ciência do comportamento. Nesse caso, a partir da perspectiva variacional entre as respostas comportamentais dentro de um determinado ambiente, e assim, constituindo-se enquanto uma variação da qual os reforçadores são contingentes. Portanto,

[São essas variações] que os reforçadores selecionam, e apenas indiretamente, os eventos neuromusculares com os quais os eventos ambientais e comportamentais estão correlacionados. À medida que as histórias evolucionárias e de condicionamento do organismo se tornam mais extensas, os vários estímulos que podem ser sentidos naquele ambiente passam a controlar diferentes respostas em intensidades diferentes. A força dessas respostas depende de quais estímulos são sentidos no momento e dos detalhes de sua história com relação a esses estímulos (Donahoe, 2012, p. 251)

É a partir da concepção de variação que Skinner consegue pensar melhor a perspectiva da seleção em sua teoria. Segundo o autor o “conceito de seleção é [...] a chave” (Skinner, 2011, p. 101), nesse caso, é central para compreender a formação do entendimento de sua teoria. Em cima da perspectiva da seleção, Skinner constrói a concepção da seleção por consequências como um conjunto de três níveis de ação: filogenético, ontogenético e cultural.

De acordo com Skinner (2007), o nível filogenético representa os aspectos derivados da espécie e sua história genética. Com base no behaviorista, nos primórdios da vida, a seleção por consequências emergiu enquanto um modo causal no primeiro momento em que uma certa molécula foi capaz de reproduzir-se. Para o autor, a reprodução foi uma primeira consequência e, através da seleção natural, proporcionou a evolução das células, órgãos e organismos reproduzidos sob diferentes condições.

No segundo nível, o ontogenético, o autor faz inferência à história de vida dos organismos, ou seja, do desenvolvimento e da manutenção do comportamento de um organismo individual visando as respostas através de interações para com o ambiente

⁵ Para compreender melhor e de maneira mais aprofundada as noções de variação e seleção na perspectiva skinneriana, tomando partida a seleção natural de Darwin, consultar Donahoe (2012) e Leão, Laurenti e Haydu (2016). O posicionamento aqui exposto enfatiza a relação de ambos os autores, sobretudo a partir da seleção por consequências, mas não explica como a ideia de “seleção” se desloca, bem como a rentação ou fixação dos comportamentos, haja vista que esse processo é presente no lado evolutivo com a ideia dos genes.

durante seu tempo de vida, tendo como foco principal as respostas operantes (Skinner, 2007). Ainda de acordo com o autor, o condicionamento operante ou o segundo tipo de seleção por consequências evoluiu concomitantemente a “dois outros produtos da mesma contingência de seleção natural” (Skinner, 2007, p. 130): a susceptibilidade ao reforçamento por certos tipos de consequências e um emaranhado de comportamentos pouco relacionados a certos estímulos eliciadores ou liberadores.

No último e terceiro nível, o cultural, por sua vez, compreende o desenvolvimento e manutenção das práticas sociais e interativas para com o meio durante o tempo de vida (Skinner, 2007). Para o autor,

O comportamento verbal aumentou consideravelmente a importância de um terceiro tipo de seleção por consequências: a evolução de ambientes sociais ou culturas. O processo presumivelmente se inicia no nível do indivíduo. Uma melhor maneira de fabricar uma ferramenta, de produzir alimentos ou de ensinar a uma criança é reforçada por suas consequências – respectivamente, a ferramenta, os alimentos ou um ajudante útil. A cultura evolui quando práticas que se originam dessa maneira contribuem para o sucesso de um grupo praticante em solucionar os seus problemas. É o efeito sobre o grupo e não as consequências reforçadoras para seus membros, o responsável pela evolução da cultura (Skinner, 2007, p. 131)

Portanto, para Skinner (2007, p. 131), o comportamento humano deve ser compreendido sob a ótica das contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies; contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros; e, por fim, contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído.⁶

Por fim, para além das características aqui mencionadas que demonstram a relação entre Darwin e sua teoria sobre o Skinner, o behaviorista e sua teoria compartilham outros aspectos do evolucionista.

Segundo Laurenti (2009), Darwin apresentou a explicação da origem e evolução das espécies com base em uma proposição estritamente biológica sem menção a poderes ou forças sobrenaturais, questionando, sobretudo, a centralidade do homem no mundo das espécies. Nessa linha de entendimento, a autora explica que Skinner realizou um

⁶ É válido de menção que tudo isso é uma questão de seleção natural, uma vez que o condicionamento operante é um processo evoluído, do qual as práticas culturais são aplicações especiais, diz Skinner (2007, p. 131)

movimento parecido: apresentou a sua teoria sobre a origem e evolução do comportamento sem apelar para um agente inobservável (a mente, o imaterial e o substancial). Sendo assim, Skinner destituiu o homem de seu lugar privilegiado enquanto dono, autor, iniciador do seu próprio comportamento.

Pontuações, caminhos possíveis e considerações finais

É de grande importância para nós, inicialmente, começar mencionando mais uma vez que toda a construção do texto não visou apresentar em nenhum momento uma espécie de associação entre a teoria behaviorista de Skinner e a psicanálise freudiana. Na verdade, buscou-se demarcar a grande importância que Darwin possui e possuiu na formação do saber psicológico e, principalmente, na influência sobre essas duas grandes figuras dessa ciência.

Em segunda instância, embora a exposição feita aqui tenha sido sucinta, objetivando o convite à imersão no assunto, é visível como até em certas características, em especial no que se refere a Darwin, Freud e Skinner se assemelham. A exemplo disto, é a destituição desse eu capaz de governar a si mesmo; em outras palavras, é a retirada do lugar privilegiado que o homem ocupa. Portanto, posso sugerir aqui, ao menos de maneira parcial, que grandes saberes só podem ser de fato considerados grandes quando destituem e produzem incômodo sobre a raiz e a centralidade do humano. E então, isso nos sugere por ora que, embora sejam considerados saberes tão opostos no contexto acadêmico da psicologia, são autores de demasiada importância e deveriam ser melhor consultados por ambas as partes, especialmente por apresentarem o ponto de interseção que aqui apontamos.

Em uma terceira instância, tornou-se possível perceber que a relação de ambos os autores com Darwin foi caracterizada da seguinte forma: no primeiro, presente na sua formação acadêmica e na construção de seu arcabouço teórico a partir das noções de conflito, adaptação e da perspectiva histórico-evolutiva, sem o uso evidente do conceito de seleção natural. No segundo, pode-se dizer que foi centro do raciocínio tanto para a formação acadêmica e da filosofia do behaviorismo radical quanto para a teoria propriamente dita. Neste, seu uso teórico centrou-se nas noções de adaptação, perspectiva histórico-evolutiva, variação e, principalmente, na seleção natural.

Em outra medida, tomando aqui uma quarta instância, permito-me acrescentar, ao menos brevemente, algo que suponho ser de grande importância para a caminhada da psicanálise. De certa forma, esse acréscimo foge da ótica inicial do artigo, no entanto, a premissa das considerações finais abre espaço para essa sucinta pontuação.

Skinner (1961) em *A critique of psychoanalytic concepts and theories*, elabora algumas críticas à psicanálise. Sem tomar necessariamente todas essas críticas em modo literal, uma delas deve ser com certeza considerada: o uso de teorias já consolidadas no âmbito científico. O behaviorismo proposto por Skinner é o mais darwinista possível, a prova disso é seu modelo de seleção por consequências, em que leva em consideração o principal conceito darwiniano. Diferentemente, embora Freud tenha lido *A Origem das espécies*, assim como outras obras do autor, de alguma maneira, parece que o conceito de seleção natural foi negligenciado (para não dizer rejeitado) pelo psicanalista. Mesmo ao observar as contribuições de Ferreti (2013) e Ritvo (1992), essa afirmação ainda pode ser feita.

Algumas tentativas de aproximação já foram feitas por Simanke (2014a, 2014b), assim como Jobim Lopes (2013). Nesses dois primeiros estudos, o autor expôs as principais objeções feitas à aproximação da psicanálise com a biologia, em especial a teoria evolucionista de Darwin e suas atualizações, e como essas objeções eram extremamente desprovidas de solidez e muitas vezes equivocadas. Mas parece que esse movimento do Simanke ainda demanda maior ampliação por parte da comunidade científica.

Nessa mesma linha de consideração, tomo partida a reflexão de Armiliato e Bocca acerca da problemática evolucionista dentro da psicanálise. Afinal, como seria a psicanálise freudiana que o mesmo tivesse visto no patológico “a incessante emergência de elementos novos na história da espécie humana, de variações cuja relação com o meio definiria sua continuidade ou não (Darwin)?”, pergunta Armiliato e Bocca (2020, p. 192) . Como os autores sugerem, emergem outras perguntas, os comportamentos humanos que fogem a norma seriam compreendidos como a irrupção de uma nova forma e de determinado relacionamento com a cultura? Seria a variação e não o patológico algo propositivo em relação ao presente e ao futuro, e não um "resto arqueológico" ou mesmo uma regressão ao passado primevo da espécie humana?

Em meio a tantas perguntas e poucas respostas, sugere-se uma maior ampliação dos estudos acerca das influências de Darwin sobre a psicologia, principalmente no

âmbito dos autores que a constituem e na formação dos saberes psicológicos. Já para a psicanálise, fica mais um adendo sobre a possibilidade de inserção e aproximação da biologia darwiniana, buscando, então, uma psicanálise ainda mais darwinista.

Referências

Armiliato, V. & Bocca, F. V. (2020). Um além que vem do passado: o evolucionismo e o caráter regressivo e patológico das pulsões. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 11 (2), 175-194. <http://dx.doi.org/10.5902/2179378647108>.

Assoun, P. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago.

Buican, D. (1990). *Darwin e o Darwinismo [Darwin et le Darwinisme]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Darwin, C. (2009). *A origem das espécies: Através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência* (A. Afonso, Trad.). Leça da Palmeira: Planeta vivo.

Donahoe J. W. (2012). Reflections on Behavior Analysis and Evolutionary Biology: A Selective Review of Evolution Since Darwin—The First 150 Years. Edited by M. A. Bell, D. J. Futuyama, W. F. Eanes, & J. S. Levinton. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 97(2), 249–260. <https://doi.org/10.1901/jeab.2012.97-249>.

Ferretti, M.G. & Loffredo, A. M. (2013). A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a darwin na obra freudiana. *Psicologia Clínica*, 25 (2), 109-130. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-56652013000200007>.

Freud, S. (2006). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume VI*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 15 (pp. 161-240)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2011a). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 15 (pp. 13-99)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2011b). O Eu e o Id. In: *Obras completas, volume 16 (pp. 13-59)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2011c). Autobiografia. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16 (pp. 75-167)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

[v.2, n.1] Jan./Jun.2021

Freud, S. (2012). Totem e Tabu. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 11.* Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, Sigmund. (2017). O chiste e sua relação com o inconsciente. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 7.* Tradução Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2018). Moises e o Monoteísmo: Três ensaios. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 19 (pp. 13-181).* Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

Freud, S. (2019). Posfácio a “A questão da análise leiga”. *In: FREUD, Sigmund. Obras incompletas – Fundamentos da clínica psicanalítica, volume 6.* Tradução Claudia Dombusch. Belo Horizonte: Autêntica.

Gay, P. (2012). *Freud: Uma vida para o nosso tempo.* 2ª Edição. São Paulo: Companhia das letras.

Goodwin, J. (2005). *História da psicologia moderna.* Tradução Marta Rosas. São Paulo: Cultrix.

Jobim Lopes, A. (2013). O primata perverso polimorfo. *Estud. psicanal.,* Belo Horizonte, 40, 21-30.

Laurenti, C. (2009). Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical. *Scientiae Studia,* 7 (2), 251-269. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662009000200006>.

Leão, M. d. F. F. C., Laurenti, C., & Haydu, V. B. (2016). Darwinism, radical behaviorism, and the role of variation in Skinnerian explaining behavior. *Behavior Analysis: Research and Practice,* 16(1), 1-11. <http://dx.doi.org/10.1037/bar0000025>.

Lorenz, K. (2009). Prefácio. *In: As expressões das emoções no homem e nos animais.* São Paulo: Companhia das letras.

Ritvo, L. (1963). *Darwin of the mind.* Master's thesis, Yale Medical Historical Library.

Ritvo, L. (1965). Darwin as the source of Freud's neo-Lamarckism. *Journal of the American Psychoanalytic Association,* 13 (2), 499-517.

Ritvo, L. (1972). Carl Claus as Freud's professor of the new Darwinian biology. *The International Journal of Psychoanalysis,* 53 (2), 77-283.

Ritvo, L. (1974). The impact of Darwin on Freud. *The Psychoanalytic Quarterly,* 43 (2), 177-192.

Ritvo, L. (1992). *A influência de Darwin sobre Freud: Um conto de duas ciências.* Trad: Julio César Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago.

[v.2, n.1] Jan./Jun.2021

Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Disponível em:

https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf

Rose, M. R. (2000). *O Espectro de Darwin: A Teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Simanke, R.T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientle studia*, São paulo, 7 (2), 221-235.

Simanke, R.T. (2014a). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12 (1), 73-95. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000100004>.

Simanke, R.T. (2014b). O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, 12 (3), 439-464. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000300003>.

Skinner, B.F. (1961). A Critique of Psychoanalytic Concepts and Theories. *Cumulative Record* (Enlarged Ed.). 185-194. <http://dx.doi.org/10.1037/11324-013>.

Skinner, B.F. (2003). *Ciência e comportamento*. Trad: J.C Todorov & R. Azzi. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B.F. (2007). Seleção por conseqüências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9 (1), 129-137.

Skinner, B.F. (2011). *Sobre o behaviorismo*. Trad: M.P Villalobos. São Paulo: Editora Cultrix.